

QUEREMOS EDIFICAR RELAÇÃO EXEMPLAR

ENTRE

MOÇAMBIQUE E A UNIÃO SOVIÉTICA

Os nossos povos desejam que a humanidade avance em conjunto e em conjunto beneficie dos resultados do progresso técnico, científico e cultural criado pelo trabalho de todos os povos do mundo. Este combate não é na realidade senão o prolongamento da luta anticolonial visando a liquidação das sequelas da dominação colonial e imperialista que continuam a subjugar os nossos povos - afirmou o Presidente Samora Moisés Machel no banquete de estado, oferecido em sua honra e da delegação moçambicana, realizado no Kremlin. É o seguinte o texto integral do discurso:

Estimado e respeitado camarada Leonid Breznev, secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética:

Estimado e respeitado camarada Nicolai Podgorai, membro do «Bureau» Político do Partido Comunista da União Soviética, presidente do Soviete Supremo da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas:

Estimado e respeitado camarada Alexei Kossiguine, membro do «Bureau» político do Partido Comunista da União Soviética, Presidente do Conselho de Ministros da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas:

Respeitado, e a m a r a d a s membros do «Bureau» político do Partido Comunista da União Soviética:

Respeitados camaradas membros do Governo da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas:

Respeitados camaradas responsáveis do Partido e do Estado:

Camaradas,
Amigos:

«Em nome do Comité Central da FRELIMO, do Conselho de Ministros da República Popular de Moçambique em nome da FRELIMO e do povo moçambicano exprimo ao camarada Leonid Breznev, ao

camarada Nicolai Podgorai e ao camarada Alexei Kossiguine, ao Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, ao Soviete Supremo da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e ao Conselho de Ministros, ao Partido Comunista da União Soviética, ao povo soviético e à população da cidade heroica de Moscovo, os nossos sinceros agradecimentos pela maneira fraternal, calorosa e militante como fomos acolhidos.

As relações entre nós entre a FRELIMO e o Partido Comunista da União Soviética, foram forjadas e temperadas nas horas difíceis da guerra popular de libertação, nas horas em que éramos um povo humilhado, dum país negociado.

As relações entre a FRELIMO e o Partido Comunista da União Soviética estabeleceram-se e desenvolveram-se a partir do engajamento comum no combate contra o colonialismo, o neocolonialismo e o imperialismo, no combate secular pela liberdade do homem e pela independência das nações. Foi esta a base sobre a qual cada um de nós soube definir o outro como seu aliado e estabelecer sólidas relações de amizade militante.

Estabelecemos as nossas relações num momento em que

muitos duvidavam ou negavam até a possibilidade da vitória.

O Partido Comunista da União Soviética guiado pelos princípios do internacionalismo proletário, soube mobilizar o povo soviético para aceitar os sacrifícios que exigia a solidariedade para com a causa do povo moçambicano e outros povos e classes oprimidos.

A FRELIMO, o povo moçambicano, apreciam altamente o apoio consequente e desinteressado, saúdam altamente a atitude exemplar e internacionalista da União Soviética para com a luta de libertação do povo moçambicano. A contribuição material da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e dos outros países socialistas, constitui um factor importante da nossa vitória.

Gostaríamos de dizer no entanto que o apoio material embora um factor importante não constitui o aspecto principal da contribuição dos países socialistas. É a própria existência dos países socialistas, é a existência dum vasta zona da humanidade que é livre e constitui a retaguarda estratégica da luta dos povos e classes oprimidas que representa o aspecto principal do apoio dos países socialistas. Os países socialistas, cons-

tituem a barreira fundamental contra o imperialismo e representam no plano internacional o factor decisivo que permite a vitória da luta revolucionária, a vitória do combate dos operários e camponeses nos países ainda dominados.

Foi mérito histórico do povo soviético dirigido por Vladimir Ilitch Ilianov — Lenine — guia imortal da revolução contemporânea, o ter criado, defendido e consolidado a primeira zona libertada da humanidade.

É mérito histórico do Partido Comunista da União Soviética e do Estado Soviético, o terem continuamente apoiado a justa causa dos povos e classes oprimidas.

Neste quadro, a grande Revolução Socialista de Outubro teve para a humanidade uma importância fundamental.

A Revolução de Outubro representa a grande alvorada dum novo era para a sociedade humana representa a entrada decisiva dos trabalhadores, daqueles que através do seu esforço todo criam e edificam, na grande cena da História para assumirem o papel que lhes compete na condução da humanidade para a sua libertação.

A Revolução de Outubro é um marco determinante da grande viragem da ordem social do mundo e o grande abalo na hegemonia do capitalismo como modelo de organização e de direcção da sociedade.

Há quase sessenta anos, do distincto, a Grande Revolução Socialista de Outubro permaneceu o grande farol que ilumina a luta dos povos oprimidos, a luta das classes exploradas, a luta pela conquista das novas ideias, a luta pela transformação do mundo.

A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, Estado do povo trabalhador nascido da Revolução de Outubro, teve de enfrentar em tanto que primeiro Estado socialista, dificuldades gigantescas que, ano após ano, fizeram do povo trabalhador soviético um povo exemplar e da sua história, fonte de inspiração para os trabalhadores de todo o mundo.

Após a tomada do poder pelos soviets, as forças reaccionárias internas e internacionais desencadearam uma ofensiva sistemática caracterizada pela sabotagem económica, o boicote, a calúnia e a torpe manipulação do obscurantismo e da ignorância.

As derrotas sucessivas determinaram a aberta ofensiva contra-revolucionária, no plano interno, e a política intervencionista das potências capitalistas através da agressão militar.

A vitória das forças revolucionárias, sob a direcção de Vladimir Ilitch (Lenine), foi a vitória dos trabalhadores de todo o mundo.

O povo moçambicano ainda em Lenine o grande dirigente revolucionário, o lúcido chefe do povo soviético, o militante internacionalista que soube compreender a verdadeira essência do imperialismo e estabelecer as bases teóricas da aliança histórica e da identidade profunda entre a luta do proletariado dos países industriais e a luta das massas exploradas dos países colonizados.

Saudamos a memória da heróica geração de Lenine que soube defender e consolidar as conquistas de 1917, no plano político e económico, contribuindo assim para a sua própria emancipação e preservando a integridade da grande base estratêgica da Revolução mundial.

Porque estavam conscientes do significado profundo das vitórias alcançadas pela União Soviética; as forças mais agressivas do capitalismo e do imperialismo sob o comando do nazifascismo lançaram-se em 1941, numa nova tentativa visando a sua destruição.

A grande guerra patriótica contra o expansionismo e a agressão nazi constituiu uma epopeia exaltante na história da luta dos povos pela liberdade da sua terra.

A defesa heróica de Moscovo, a resistência obstinada ao bloqueio de Leninegrado, a vitória gloriosa de Stalinegrado são, para os povos colonizados, outros tantos exemplos de coragem, de determinação e da força de um povo unido e consciente, elas são a cer-

teza da capacidade de um povo unido e consciente, elas são a certeza da capacidade de um povo vencer todos os obstáculos, por mais poderosos que sejam, para varrer da sua pátria o opressor estrangeiro.

Desejamos saudar ainda as grandes conquistas realizadas pelo povo soviético sob a direcção do Partido Comunista da União Soviética na edificação da base avançada material, cultural e científica da nova sociedade provando a capacidade criadora infinita das massas populares libertadas.

O povo moçambicano aprecia altamente o elevado espírito internacionalista do povo soviético e da sua direcção que, compreendendo a ligação íntima entre o combate dos povos de todos os continentes e de todas as latitudes pela independência, pela liberdade, pela justiça social e pela paz, souberam assumir o seu dever revolucionário e apoiar a luta dos povos e classes oprimidas.

Saudamos, na pessoa do nosso estimado e respeitado camarada Leonid Brezhnev, dos nossos respeitados camaradas Nicolai Podgorni e Alexei Kossiguine, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, berço do socialismo e grande amigo do povo moçambicano.

O PROCESSO REVOLUCIONÁRIO MOÇAMBICANO

Estimado e respeitado camarada Leonid Brezhnev,

Estimados e respeitadas camaradas Nicolai Podgorni e Alexei Kossiguine,

Camaradas,

Amigos:

O povo moçambicano dirigido pela PRELIMO esmagou a agressão colonial-imperialista e conquistou a sua independência total e completa.

Ao celebrarmos a independência em 25 de Junho de 1975 estabelecemos no nosso País a democracia popular, o poder da aliança operário-camponesa.

A democracia popular que é a fase presente do desenvolvimento do nosso processo revolucionário, representa a extensão a todo o País das con-

quistas das massas trabalhadoras das zonas libertadas, e a valorização e a ampliação das experiências adquiridas no processo da guerra popular de libertação nacional. Ela impõe o poder da aliança operário-camponesa no novo aparelho de Estado que se edifica sobre as ruínas do Estado colonial-capitalista que está a ser destruído. Ela é o instrumento para que a classe trabalhadora conquiste e exerça o poder nas frentes da economia, da cultura, da ciência, das relações sociais, da organização da sociedade. No contexto do nosso país está a única via capaz de consolidar a nossa independência nacional e corresponder às conquistas das massas trabalhadoras.

O colonialismo português exercido por uma potência atrasada e subdesenvolvida, após-se sistematicamente a formação duma classe nacional burguesa, uma vez que esta constituiria um factor de concorrência para a burguesia colonial. As tentativas de criação duma terceira força na fase final da guerra colonial-imperialista de agressão, resultaram na formação duma pequena casta de funcionários e empregados, com vocação burguesa pela educação, mas sem qualquer base económica, que se veio juntar aos restos da feudalidade e ao embrião nascente da burguesia agrária.

Confiar o poder de Estado a esta casta, seria forçar a criação duma burguesia, uma burguesia que pela sua fraqueza numérica, debilidade económica e incapacidade científica e técnica só poderia sobreviver à sombra do imperialismo. Bloquear as ambições desta casta, impôr-lhe o nosso poder, desencadear contra ela o fogo da luta ideológica e da luta de classes, a fim de liquidar a classe, reeducar e recuperar os homens, são exigências do combate para preservar a independência e soberania nacionais duramente conquistadas.

A experiência histórica de numerosos países da África, da Ásia e da América Latina demonstra a impossibilidade da sobrevivência autónoma das burguesias locais. Nos próprios países capitalistas avançados a tendência das burguesias nacionais é de progressivamente integrarem-se no sistema de dependência criado pelo imperialismo internacional e de esvaziar a soberania nacional dum conteúdo autêntico.

Por outro lado, o nosso povo, sob a direcção da FRELIMO, desenvolveu a luta de classes durante o processo da libertação nacional, quando a luta

armada isolou as forças inimigas, paralisou o processo de exploração económica colonial, impediu o exercício da administração portuguesa e criou as condições para que se recomeçasse a produção dos bens materiais nas zonas sob nosso controlo, surgiram graves contradições no nosso seio. Estavam connosco forças que tinham como objectivo substituíram-se as burguesias coloniais como novas classes exploradoras. Forças que pretendiam manter intacto o aparelho de dominação e exploração do colonial-capitalismo modificando apenas a cor da pele dos agentes de dominação e exploração. O sangue e sacrifícios consentidos pelas largas massas não podiam de maneira nenhuma fertilizar o solo da nossa Pátria para que prosperasse uma nova classe de exploradores e parasitas.

Dirigidos pela FRELIMO, os combatentes e trabalhadores das zonas libertadas, desencadearam uma luta rigorosa contra estes elementos. Os crimes, as traições e assassinatos cometidos pelos reaccionários, o assassinato do Presidente Eduardo Mondlane, demonstraram a todos a impossibilidade de coexistência entre exploradores e explorados.

Foi nesta luta que as zonas semiliberadas se transformaram em zonas libertadas, isto é, zonas livres das estruturas coloniais e capitalistas, zonas em que se edificava um novo aparelho de poder fundado nas classes trabalhadoras, zonas em que entre os homens, através da produção colectiva, se forjavam novas relações sociais de produção, zonas em que o trabalho ideológico, o renascimento cultural, o esforço de educação permitiam iniciar-se a construção dum homem novo, com uma personalidade nova. Foi assim que a nossa Luta de Libertação se transformou numa revolução democrática e popular.

Um factor fundamental para o triunfo deste combate foi a capacidade das forças de vanguarda em terem assumido os interesses das massas trabalhadoras, valorizando e sintetizando as experiências seculares de resistência popular, integrando estas experiências e sínteses no património revolucionário da luta dos povos e classes oprimidas. Assim fomos capazes de preservar e enriquecendo a nossa personalidade, assumir, viver e desenvolver pela nossa prática a ideologia científica da nossa classe.

Este conjunto de factores que determinou a etapa presente de democracia popular, que sucede a etapa de libertação nacional e cria as condições para edificarmos a base material e ideológica da fase que se segue.

A situação exterior é favorável e única para o triunfo da democracia popular. A apoiar a luta da nossa classe operária e camponesa, existe no plano internacional o campo socialista, rico de experiências teóricas e práticas, nos países que edificam a nova sociedade, o campo socialista que constitui do ponto de vista económico, militar, cultural e científico, uma força imensa, organizada, unificada. Existe ainda o campo crescente dos países que tendo rompido com o capitalismo e a sujeição ao imperialismo, progressivamente edificam as bases para o estabelecimento do poder operário-camponês e a construção do socialismo.

Na fase inicial da vida do nosso Estado, a classe trabalhadora já alcançou importantes vitórias: ela conquistou o poder de Estado, e edificou o seu poder, a terra foi nacionalizada, o Ensino e a Saúde foram nacionalizados, os prédios de rendimento foram nacionalizados e as rendas baixadas, o Banco Central e os principais Institutos de Crédito pertencem inteiramente ao Estado, com igualmente os transportes ferroviários e aéreos.

Mas estas são conquistas recentes, que se impõe consolidar face à agressividade da oposição e sabotagem subversivas das classes reaccionárias e do imperialismo. Conquistas que devem ser ampliadas e traduzirem-se na prática por uma mudança de vida para as largas massas.

Estamos seguros que na batalha presente para consolidar e ampliar as conquistas revolucionárias das massas, romper com os esquemas de dominação imperialista, da miséria e subdesenvolvimento, para a edificar a democracia popular com a base material e ideológica avançada necessárias a fase seguinte, encontraremos o apoio redobrado e internacionalista dos nossos irmãos de classe e aliados naturais: os países socialistas.

SITUAÇÃO INTERNACIONAL CAMARADAS AMIGOS

A situação internacional caracteriza-se pelo desenvolvimento impetuoso e irresistível das ideias de liberdade, independência e revolução.

Os países socialistas, a um ritmo constante edificam a base material, cultural e científica da nova sociedade. Neste contexto desejamos saudar a contribuição extremamente importante que nesta via representam as decisões do 23.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética para o processo de edificação do socialismo na União das Re-

publitas Socialistas Soviéticas.

O mundo luta pela melhoria das condições de vida do povo trabalhador soviético e pela aprofundação da unidade internacional de todos os povos em luta pela sua libertação e independência comunista. A solidariedade promovida e internacionalista do Partido Comunista da União Soviética e coligada por este facto torna de inspiração e estímulo.

Os povos e classes oprimidos intensificam as justas lutas de libertação nacional e os combates revolucionários para derrubar a velha ordem social do capitalismo.

A vitória gloriosa dos povos irmãos e heróicos do Vietnã, do Laos, do Camboja, modificou radicalmente a nossa favor a correlação de forças na Ásia, enriqueceu dum a maneira decisiva a teoria e a prática do combate revolucionário.

O desmoronamento do sistema colonial fascista português em consequência das vitoriosas guerras de libertação de Moçambique, Angola e Guiné-Bissau, e o estabelecimento no sul do continente de regimes populares em Moçambique e Angola, modificou radicalmente a correlação de forças na África Austral. Com efeito, os regimes progressistas foram consolidados e os movimentos de libertação vieram ampliados as suas bases de retaguarda.

Face a esta situação o imperialismo estorçou-se por modificar a sua estratégia. Assim ele procura substituir a sua oposição tradicional ao movimento de libertação, por uma nova tática de recuperação do movimento de libertação. Agindo deste modo ele propõe-se atingir dois objectivos maiores: preservar as estruturas de dominação capitalista e sufocação do imperialismo, levar o movimento de libertação a romper a sua aliança com os países socialistas e as forças progressistas.

Testemunhamos esta nova tática no Médio Oriente, onde através de concessões verbais à causa árabe o imperialismo procura selar uma aliança que leva à destruição do movimento de libertação da Palestina e da luta emancipatória dos povos árabes.

Testemunhamos esta nova tática na África Austral, onde sob promessas de desarmamento, o imperialismo pretende desmantelar a Namíbia e impor-lhe chefes fantoches, esforçando-se por fazer sobreviver a essência do regime de Smith e tentar consolidar o sistema misérrimo dos bantustões de apartheid onde todavia o desenvolvimento operacional do imperialismo na zona

é fraco, incapaz de recuperar o movimento de libertação e manter indirectamente o país dominado, então o imperialismo patrocina as guerras locais de agressão. É o caso das guerras de conquista que têm lugar contra a República Democrática de Timor-Leste, e a República Árabe Democrática do Sara.

O combate dos povos árabes e especialmente o povo irmão da Palestina, é um combate justo e legítimo apoiado pelo nosso povo, o nosso Estado e o nosso Partido. Os direitos nacionais, inalienáveis do povo palestino, devem-se materializar. O Estado sionista deve cessar a sua ocupação dos territórios árabes. Só assim uma paz justa e duradoura reinará no Médio Oriente.

Na sua agressão contra os povos árabes o Estado sionista tem vindo a revelar a sua natureza opressora, agressiva e racista. A sua aliança com o regime do apartheid revela a sua identidade ideológica entre o sistema de Telavive e os herdeiros declarados do nazismo.

Pretória representa hoje em África a face belicosa, agressiva e expansionista do imperialismo. Todos tinham já constatado a natureza anti-humana do apartheid e por isso o regime sul-africano vive excluído da comunidade africana e internacional.

O ataque criminoso da África do Sul contra a República Popular de Angola, a tentativa de impor um regime fantoche em Angola, o estorço desesperado de ocupar partes do território angolano tornaram para todos bem clara a natureza expansionista do regime.

Foi mérito histórico do povo angolano sob a direcção do MPLA o ter esmagado a primeira guerra expansionista desencadeada pela África do Sul.

O MPLA porque se batia pela independência real e exprime a determinação inquebrantável das massas populares angolanas, conquistou a vitória final.

Saudamos os países socialistas e nomeadamente a União Soviética, por de novo nas horas difíceis, terem apoiado a luta do povo angolano. A ajuda imediata fornecida pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, contribuiu dum modo essencial para que a derrota imposta às forças imperialistas, e mercenárias em Angola tivesse sido rápida.

Uma das características da África do Sul e a sua natureza colonialista. O regime sul-africano mantém a ocupação colonial da Namíbia.

O povo moçambicano, a República Popular de Moçambique e a FRELIMO apoiam in-

condicionalmente o justo combate do povo da Namíbia sob a direcção da SWAPO, pela independência, unidade e integridade territorial da sua pátria.

Na Namíbia a luta intensificou-se e estende-se aos pontos sensíveis da dominação do inimigo.

A luta política do povo sul-africano de todas as raças contra o regime infame do apartheid atinge um auge sem precedentes. O Congresso Nacional Africano (ANC) em condições duras mobiliza e organiza um número cada vez maior de homens e mulheres decididos a viverem livres. A nossa solidariedade para com o povo sul-africano é total.

No Zimbabwe a situação tornou-se extremamente favorável, no plano interno e internacional o regime minoritário, ilegal e racista conhece um isolamento sem precedentes.

Podemos afirmar que nunca na História contemporânea um regime se viu de tal maneira isolado. Ian Smith pela sua irresponsabilidade colocou-se numa situação tal que até o imperialismo o afasta de medo que todos os seus interesses se vejam comprometidos na derrota, próxima e inevitável do regime.

O Exército Popular de Libertação de Zimbabwe tem vindo a desenvolver operações contra o inimigo, tendo já atingido centros vitais para o regime, como é o caso das vias de comunicação entre a colónia britânica da Rodésia do Sul e a África do Sul.

Nunca tentativa desesperada de deter a sua queda, Ian Smith paralelamente ao estorço de criação de fantoches procura por todos os meios alargar o conflito, internacionalizar a guerra, transferir a agressão da Rodésia do Sul para outros sítios. E nesta perspectiva que intensifica provocações e agressões armadas contra a República Popular de Moçambique e outros estados irmãos.

A República Popular de Moçambique, nascida do combate vitorioso do povo moçambicano apoiado pelos povos e forças progressistas de África e do mundo, está consciente das responsabilidades particulares que lhe cabem na libertação do Zimbabwe. O nosso povo faz seu este combate.

o nosso país é uma base para a libertação nacional do Zimbabue.

Foi por isso, com o objectivo de apoiar a justa luta do povo do Zimbabue, que a FRELIMO e o Governo decidiram aplicar integralmente as sanções impostas pela comunidade internacional contra o regime ilegal e racista de Ian Smith.

O povo moçambicano está consciente das dificuldades que isso implica para a sua economia e para a sua vida quotidiana.

A independência e o desenvolvimento do nosso país não são porém, possíveis enquanto subsistir a nossa porta um regime opressor e agressivo.

O regime ilegal e fascista de Ian Smith não deixará de multiplicar manobras e agressões contra o povo do Zimbabue e contra os povos de África, em particular contra o povo moçambicano.

Fracassarão miseravelmente como antes dele fracassaram os outros agressores do nosso povo.

Fora do nosso continente a FRELIMO, o nosso Estado e o nosso povo igualmente se solidarizam com o combate do povo coreano para expulsar as forças imperialistas do sul do país, consolidar e desenvolver a revolução socialista no norte e pacificamente reunir a pátria.

Nós apoiamos resolutamente o combate do povo chileno e do povo espanhol contra o fascismo. Nós apoiamos sem hesitação e na medida das nossas possibilidades o combate de todos os povos oprimidos e das classes trabalhadoras dos países capitalistas.

Nascida também da solidariedade internacional, guiada pela FRELIMO, a República Popular de Moçambique cumprirá sempre o seu dever internacionalista.

LIQUIDAÇÃO DAS SEQUELAS DA DOMINAÇÃO COLONIAL E IMPERIALISTA

CAMARADAS,

AMIGOS:

Na nossa zona uma nova ameaça se desenha. Os sectores burocratas do imperialismo forçados a recuar na Europa, graças aos sucessos dos países socialistas e da luta popular pelo desanuviamento, esfor-

çam-se por reduzir o desanuviamento a uma transferência geográfica das zonas de tensão

E neste quadro que se situa a política de instalação de bases imperialistas de agressão no Oceano Índico. E neste quadro ainda que devemos situar as tentativas de desmembramento das Comores, de ocupação de certas ilhas das Seychelles, o conflito da costa dita francesa da Somália (Djibouti) as provocações armadas contra a República Democrática da Somália.

A República Popular de Moçambique, como todos os estados limítrofes da zona, luta para que o Oceano Índico se torne uma zona desnuclearizada e livre de bases militares estrangeiras, uma zona em que os nossos povos possam livremente desenvolver o seu processo revolucionário, livremente escolher o sistema político, económico e social.

Consciente que o combate pela independência política encontra o seu prolongamento necessário no combate pela emancipação económica, os povos dos países longamente colonizados e explorados desencadearam a batalha pelo estabelecimento de uma nova ordem económica internacional, pelo direito dos povos a recuperar o usufruto dos seus recursos naturais próprios pelo estabelecimento de relações comerciais numa base de igualdade.

Os nossos povos desejam que a humanidade avance em conjunto e em conjunto beneficie dos resultados do progresso técnico, científico e cultural criado pelo trabalho de todos os povos do mundo.

Este combate não é na realidade senão o prolongamento da luta anticolonial visando a liquidação das sequelas da dominação colonial e imperialista que continuam a subjugar os nossos povos.

RPM-URSS:

RELAÇÃO EXEMPLAR

Camaradas,

Amigos:

Esta é a primeira visita oficial de Partido e Estado, que efectuamos após a proclamação da independência da nossa pátria.

Queremos transmitir ao povo soviético, ao seu Governo e ao Partido Comunista da União Soviética os sentimentos fraternais do povo moçambicano. Queremos dizer ao povo soviético que os sacrifícios que consentiu para apoiar o nosso combate frutificaram com a nossa vitória que é comum.

Queremos, com os camaradas da direcção do Partido Comunista da União Soviética e do Estado soviético estudar como consolidar e desenvolver as relações entre os nossos partidos e povos, como estender a cooperação existente entre os partidos e povos as relações entre os nossos Estados.

Queremos edificar entre a República Popular de Moçambique e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas uma relação exemplar. Relação essa fundada na aliança natural que nos une, aliança entre irmãos duma mesma classe, aliança ideológica de combatentes da mesma causa. Uma relação fundada ainda nos princípios de igualdade e não ingerência nos assuntos internos. Esta é uma relação de ajuda mútua e cooperação, em que cada uma das partes está consciente que o sucesso da outra é o seu próprio progresso e a sua consolidação. Relação de combatentes duma mesma causa, embora operando em trincheiras diferentes, encontrando-se em fases diferentes.

Foram estes princípios que regeram as relações entre as nossas organizações e permitiram construir laços sólidos de amizade revolucionária que existem entre a FRELIMO e o Partido Comunista da União Soviética, entre o povo moçambicano e o povo soviético. São estes princípios que certamente orientarão as relações entre os nossos Estados, para benefício mútuo, para o reforço da larga frente anti-imperialista de que fazemos parte.

Camaradas,

Amigos:

A todos convido a juntarem-se a mim num brinde:

— A saúde do nosso estimado e respeitado camarada Leonid Brezhnev, secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética,

— A saúde do nosso estimado e respeitado camarada Nicolai Podgorni, membro do «bureau» político do Partido Comunista da União Soviética e Presidente do Presidium do Soviete Supremo,

— A saúde do nosso estimado e respeitado camarada Aleixei Kossinguine, membro do «bureau» político do Partido Comunista da União Soviética e Presidente do Conselho de Ministros da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

cas, a acção dos estimados camaradas responsáveis do Partido Comunista da União Soviética e do Estado Soviético.

— Ao reforço das relações fraternais e revolucionárias entre a FRELIMO e o Partido Comunista da União Soviética, entre a República Popular de Moçambique e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, entre o povo moçambicano e o povo soviético.

— As novas vitórias do povo soviético.

— A vitória da revolução.
A LUTA CONTINUA.

DECLARAÇÕES DE PODGORNI

Apolar a luta dos povos pela liberdade e independência política, económica e progresso social é um dos princípios básicos da política externa da União Soviética. Este princípio continuará a orientar as relações entre os povos soviéticos e moçambicanos — declarou Nicolai Podgorni, presidente do Presidium do Soviete Supremo da URSS (parlamento) num jantar oferecido ontem à noite em honra do Presidente Samora Machel e da delegação que chefiava.

N. Podgorni manifestou a sua confiança em que as relações entre a União Soviética e Moçambique ajudarão a estreitar os laços entre os nossos países e serão fundamentais no reforço da aliança entre os povos africanos em luta e o povo soviético.

O dirigente soviético demonstrou a sua satisfação pelos bons frutos alcançados na cooperação entre os dois países: ambos têm pontos de vista semelhantes em relação a problemas mundiais. Angola servirá de exemplo para esta aproximação comum. De outro modo dificilmente teria anulado o estado soberano angolano, devido à intervenção a que foi sujeito por forças conjugadas imperialistas, colonialistas, racistas e seus fanáticos.

«Nessa hora difícil para a jovem república os seus verdadeiros amigos foram em seu apoio, entre os quais a República Popular de Moçambique, que foi dos primeiros a reconhecer a República Popular de Angola — disse Podgorni.

O movimento de libertação nacional em África — continuou — trouxe vitórias verdadeiramente históricas, no nosso tempo, mas a luta ainda não acabou. O imperialismo e o colonialismo não mudaram a sua natureza agressiva, triunfos poderosos para pressionar os Estados recém independentes ainda estão nas suas mãos. As suas raízes ainda se encontram em solo africano. Os povos da África Austral — Zimbábue, Namíbia e África do Sul continuam sob a opressão do colonialismo, racismo e apartheid.

A União Soviética coloca-se como sempre resolutamente ao lado dos povos desses países que lutam contra a opressão colonial e a discriminação racial pela liberdade e independência — declarou.

A experiência do movimento popular de libertação dos povos africanos, especialmente nos últimos anos, mostra claramente que a arma mais poderosa do arsenal para a luta anti-imperialista é a acção conjunta dos povos livres, a sua estreita interacção com os membros dos países da comunidade socialista e todas as forças progressistas do mundo.

Nos locais onde se luta ainda contra os últimos bastiões do colonialismo e do racismo, a aliança estreita dos povos amantes da liberdade e dos seus povos dá a oportunidade de reunir todas as formas de combate, incluindo sob formas de ajuda militar ou política. Sucedeu muitas vezes que as intrigas dos imperialistas falharam ao encontrarem uma barreira forte constituída pelos esforços de todos quantos lutam pela causa da paz, liberdade e justiça.

O presidente do «presidium» observou que a Organização da Unidade Africana desempenha um papel fundamental no confronto dos países africanos e as forças da dominação imperialista e colonialista. Estamos confiantes de que

uma orientação anticolonialista e anti-imperialista mais forte e activa contribuirá para a luta comum dos povos para o melhoramento do clima político sobre a terra.

(De: "Notícias", Maputo, 1976-05-18)